

GALVES, Charlotte. ReVEL na Escola: Linguística Histórica. *ReVEL*, vol. 17, n. 32, 2019. [www.revel.inf.br]

## REVEL NA ESCOLA: LINGUÍSTICA HISTÓRICA

*ReVEL at School: Historical Linguistics*

**Charlotte Galves<sup>1</sup>**

galvesc@unicamp.br

A linguística histórica é, como seu nome indica, a disciplina que estuda as línguas na sua dimensão histórica. Quando esse estudo toma como central o fenômeno da mudança linguística ao longo do tempo, podemos falar também de “linguística diacrônica” (do grego *dia*, “através”, e *cronos*, “tempo”). Os dois termos são muitas vezes tomados como equivalentes, mas não o são sempre nos fatos. O linguista histórico pode focalizar seu estudo numa fase antiga de uma determinada língua, sem considerar a dimensão diacrônica da mudança. É o caso por exemplo da obra de Rosa Virgínia Mattos e Silva *Estruturas Trecentistas*, cujo objeto é o português do séc. 14 tal como aparece no manuscrito mais antigo dos *diálogos de São Gregório*. Contudo, a questão da mudança linguística é central na linguística histórica, além de ter grande relevância na teoria linguística em geral, por constituir uma janela preciosa sobre a natureza da linguagem. Por isso, esta apresentação tomará a problematização da mudança como eixo principal.

Veremos que os estudos diacrônicos podem ser agrupados em dois grandes tipos. Aqueles que estudam as mudanças no interior da mesma língua (e.g. a história da língua portuguesa), e aqueles que consideram a gênese de uma língua a partir de outra (por exemplo, a genealogia das línguas românicas a partir do latim). Estes estabelecem o que se pode chamar a genética das línguas, enquanto os primeiros tomam como objeto suas histórias. Fica, contudo, uma pergunta: até que ponto uma

---

<sup>1</sup> Professora Titular, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.

língua pode ser considerada **a mesma**, dos seus primórdios documentados até ao presente? O francês antigo ou o inglês antigo, cujos primeiros textos remontam a períodos muito remotos – o século 9 para o primeiro e o século 8 para o segundo – são tão opacos quanto uma língua estrangeira para os falantes modernos. O português antigo não nos causa tanta estranheza, talvez por ser documentado somente a partir do final do século 12. Note-se, contudo, que os documentos mais antigos conhecidos até hoje estão na origem de uma polémica entre estudiosos, concluindo uns que se trata dos mais antigos manuscritos em língua portuguesa jamais encontrados, argumentando outros que não estamos senão frente a documentos escritos em latim lusitanizado.<sup>2</sup> Português ou latim? Essa pergunta expressa uma questão fundamental: como datar com precisão o nascimento ou a morte de uma língua? De maneira menos dramática: como decidir se estamos frente à mesma língua, quando, ao longo do tempo, as mudanças são tais que as diferenças se tornam muito grandes? Este texto não responderá a perguntas tão complexas, cuja resposta passa, em última instância, pela definição do que seja uma língua no quadro teórico em que se fundamentam nossas pesquisas. Ele tentará somente dar alguns pontos de referência e sugestões de entrada dentro do campo complexo da reflexão sobre as línguas na sua dimensão histórica e diacrônica. A primeira pergunta será assim “O que muda nas línguas?” e a segunda “Porque as línguas mudam?”. Em seguida, serão apresentados os métodos para o estudo da história das línguas. A última parte focará a história da língua portuguesa, que traz para o estudioso uma imensa riqueza de dados, por ser uma língua cuja expansão para longe do seu berço de origem não parou de se dar ao longo dos séculos.

## 1. O QUE MUDA NAS LÍNGUAS

### 1.1 O LÉXICO

O que mais salta aos olhos são as mudanças nas palavras, ou seja, no léxico. Isso não passou despercebido ao primeiro gramático da língua portuguesa, Fernão de Oliveira que, na sua *Grammatica da lingoagem portuguesa* de 1536, distingue as “dições velhas” e as “dições novas”, falando da morte das palavras, e também do seu nascimento.

---

<sup>2</sup> Veja-se o debate em torno da *Notícia de Fiadores*, texto datado de 1175. Cf. Emiliano (2003).

As dições velhas são as que foram usadas, mas agora são esquecidas, como *Egas, Sancho, Dinis*, nomes próprios, e *ruão*, que quis dizer cidadão, segundo que eu julguei em hum livro antigo [...] E não somente de tanto tempo, mas também, antes de nós um pouco, nossos pais tinham alguas palavras que já não são agora ouvidas, como *compengar*, que quer dizer *comer o pão com a outra vianda*, e *nemichalda*, o qual valia como agora *nemigalha* [...]” Fernão Oliveira 2007 [1536]: 128.

“As dições novas são aquellas que novamente ou de todo fingimos ou em parte achamos.<sup>3</sup> “De todo” chamo quando não olhamos a nenhum respeito senão ao que nos ensina a natureza; para o que tiveram licença os primeiros homens quando premeiro nomearam *toalha* e *guardanapo*, e quando disseram *chorar, cheirar, espantar* e muitos outros que não são tirados de nenhũa parte. Nós já’gora, para fazer vocábolos de todo assi como digo, não temos mui franca licença; mas porém se achassemos hũa coisa nova em nossa terra, bem lhe podíamos dar nome novo buscando e fingindo voz nova, como poderiam ser as rodas ou moendas em que agora se fala, e dizem que hão de moer com nenhũa e pouca ajuda. Esta tal cousa nunca ainda foi vista; portanto não pode ter nome. Se agora de novo for achada, trará também voz nova consigo.

Achar dições novas “em parte” e não de todo é quando, para fazer a voz nova que nos é necessária, nos fundamos em alghũa cousa, como em *bombarda*, que é cousa nova e tem vocabolo novo, o qual vocabolo chamaram assim por amor do som que ella lança, que é quasi semelhante a este nome *bombarda* ou o nome a elle, e daqui também tiramos estoutro isso mesmo novo, *esbombardear*. Fernão Oliveira 2007 [1536]: 129-130.

É interessante notar neste trecho o reconhecimento da necessidade da criação de palavras novas, em função do surgimento de coisas novas. Isso explica bem porque o léxico é o componente das línguas cuja evolução podemos observar ao longo da vida. As palavras entram e saem do uso muito facilmente por serem a parte da língua mais permeável às condições de uso da língua, e à cultura. Além disso, quando uma palavra é introduzida na língua, uma cascata de novas formas pode aparecer, a partir de processos derivacionais, como *esbombardear* a partir de *bombarda*. Note-se também que a mudança lexical pode também consistir numa mudança semântica. No trecho acima, observamos palavras cujo sentido diverge do sentido moderno. “Novamente” de “de novo”, por exemplo, não têm o sentido de reiteração, como na língua contemporânea, mas expressam a novidade de um evento. “Fingir” não significa “fazer de conta”, mas “criar”, “inventar”.

---

<sup>3</sup> Em termos modernos: “as palavras novas são aquelas que criamos do nada ou das quais achamos uma parte”. Na continuação, o autor diz que, no primeiro caso, agimos como os primeiros homens, que inventaram vocábolos, no segundo aproveitamos uma palavra já existente para criar uma nova, como *esbombardear*, a partir de *bombarda*.

## 1.2 OS SONS

As línguas mudam também na sua forma sonora, ou seja, na sua fonética e na sua fonologia. O português antigo tinha por exemplo uma oposição entre dois fonemas sibilantes, respectivamente representados pelas grafias -ç- e -ss-. A palavra “paço” (“palácio”) era assim pronunciada diferentemente da palavra “passo”. A perda dessa distinção, que se dá definitivamente no século 16 (cf. Matos e Silva 2006), se infere nos textos quando começam a aparecer confusões gráficas inexistentes anteriormente, mostrando que os falantes não faziam mais a distinção entre as duas pronúncias. Essa confusão permanece até hoje.

A mudança fônica teve um papel central na constituição da reflexão moderna sobre a mudança nas línguas. Mostrou-se que as mudanças observadas, por exemplo, na passagem do latim para as línguas românicas (também chamadas “neo-latinas”) não se deram de maneira aleatória, mas seguiram padrões bem precisos e sistemáticos. Por exemplo, em português, todos os /l/ intervocálicos, ou seja, ocorrendo entre duas vogais, como nas palavras latinas “solu(m)”, “palu(m)”, deixaram de ser pronunciados, gerando as palavras “soo” (depois “só”) e “pau”. O mesmo aconteceu com o /n/ intervocálico, que deixou de ser pronunciado, mas tornou nasal a vogal anterior: “manu” passando a ser pronunciado como “mão”. É somente nas palavras emprestadas tardiamente do latim que tal processo não se verifica. Temos assim o contraste entre uma palavra como “mágoa” e uma palavra como “imaculada”, as duas tendo como origem “macula” em latim. Na primeira, que evoluiu naturalmente, observa-se a perda do /l/. Na segunda, de formação erudita tardia, o /l/ se mantém. Na linguística histórica do século 19, a noção de **leis de mudança fonética** ocupa um papel de destaque na explicação da emergência de línguas distintas a partir de uma origem comum, como as línguas românicas a partir do chamado latim vulgar. Invertendo o caminho, as leis fonéticas permitem também a reconstrução de línguas passadas não documentadas, como o **indo-europeu**, a provável língua “mãe” da maioria das línguas europeias e de parte das línguas da Índia.

Note-se que as mudanças que afetam a forma fônica da linguagem tendem a ser menos frequentes e se dar em lapsos de tempo mais longos do que as mudanças lexicais. É o caso também daquelas que afetam o componente gramatical da língua, a morfologia e a sintaxe.

### 1.3 A MORFOLOGIA

A morfologia, ou seja, os padrões de derivação de palavras por meio de prefixos e sufixos, é também um dos lugares de mudança nas línguas. O português antigo, por exemplo, tinha participios passados em -udo para uma classe de verbos, como pode ser observado na seguinte estrofe de uma cantiga de amigo do século 13, da autoria do trovador Joam Garcia de Guilhade:<sup>4</sup>

- Foi-se ora daqui **sanhudo** (= ‘irado’)

Amiga, o voss’ amigo

- Amiga, **perdud’** é migo

E, pero migo é **perdudo**,

o traedor **conhoçudo**

acá verrá

cá verrá

cá verrá.

Os últimos exemplos de participios passados em -udo se encontram nas peças de Gil Vicente (1465-1536).

No âmbito das línguas românicas, uma mudança morfológica notável é a perda do sistema rico de casos que caracterizava o latim, sua língua “mãe”. Algumas línguas, como o francês antigo, mantiveram algum resíduo desse sistema nos nomes. Em francês moderno essas marcas deixaram de existir. O português, como a maioria das línguas românicas, só mantém distinções casuais no paradigma dos pronomes. Assim, na primeira pessoa, o sujeito (caso nominativo) é realizado como “eu”, o objeto direto (caso acusativo) como “me”, o complemento de preposição é realizado por “mim”. O português brasileiro falado reduziu ainda mais essas marcas casuais na terceira pessoa, com a perda do pronome acusativo “o/a”.

---

<sup>4</sup> Citada por Mattos e Silva (2006: 123). Note-se também a forma “migo”, derivada do latim “mecum”, substituída na língua moderna por “comigo”. Para ler a cantiga inteira, veja-se <https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=787&pv=sim>

#### 1.4 A SINTAXE

A sintaxe das línguas também muda ao longo do tempo. Em português, um caso bastante emblemático de mudança sintática encontra-se na colocação de pronomes clíticos. Em textos escritos até o século 19 em Portugal, em orações afirmativas não dependentes em que o verbo era precedido pelo sujeito, havia variação entre a posição pós-verbal ou “enclítica”, e a posição pré-verbal ou “proclítica”, do pronome,<sup>5</sup> como ilustrado respectivamente nos exemplos (1) e (2), ambos tirados de sermões do Padre Antonio Vieira (1608-1697).

(1) Elles **conheciam-se**, como homens, Christo **conhecia-os**, como Deus.

(2) O Evangelho **o diz** :/. Erunt signa in sole ,/, et luna ,/, et stellis .

Na Figura 1 abaixo,<sup>6</sup> cada ponto corresponde à frequência relativa da posição enclítica (cf. ex. 1) em textos de autores portugueses, situados ao longo do tempo entre o século 16 e o século 20. Concretamente, 0.17 no primeiro ponto, por exemplo, significa que 17% dos casos de colocação são enclíticos e 83% são proclíticos. Já no segundo ponto, a ênclise não aparece em nenhum caso, o que significa que em 100% dos casos, o que aparece é a próclise. Observa-se que, nos séculos 16 e 17,<sup>7</sup> a frequência da ênclise era baixa e, conseqüentemente, a frequência da próclise era alta. No início do século 18, porém, a ênclise começa a se tornar mais frequente nesse tipo de orações, até se tornar praticamente obrigatória em meados do século 19, quando achamos essa colocação em 97% dos casos. Hoje, em Portugal, as construções como (1) são a regra.<sup>8</sup>

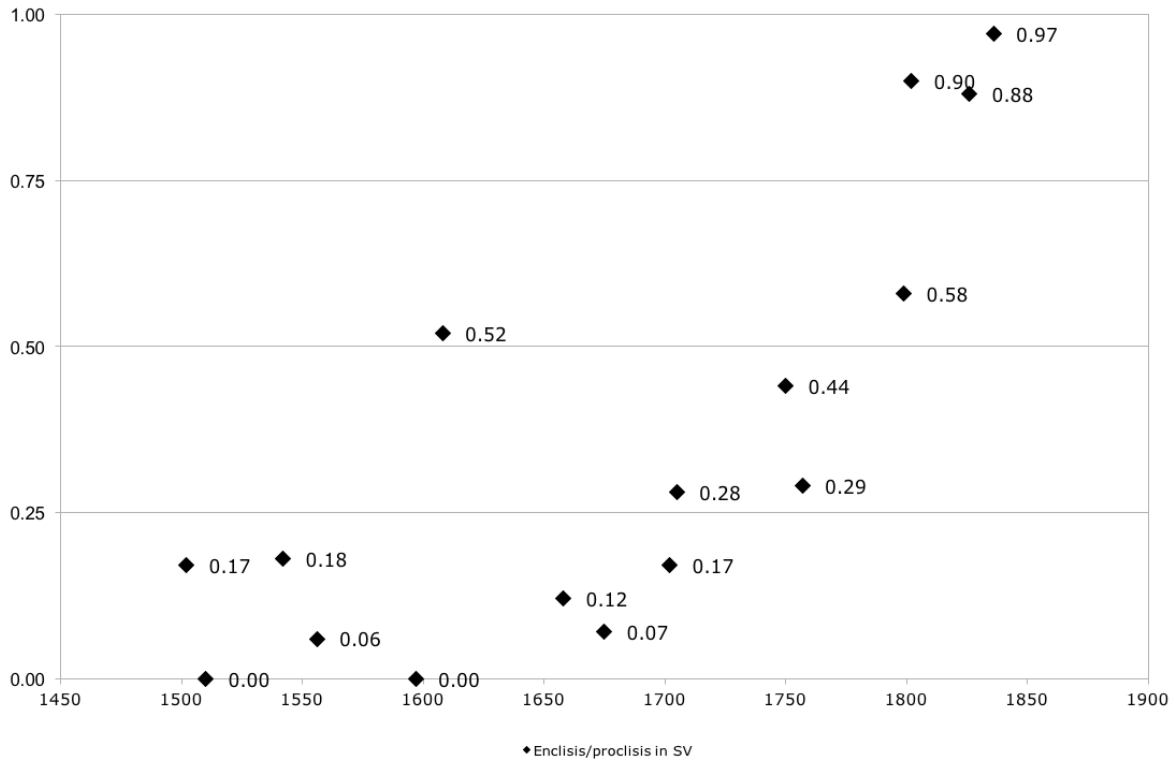
---

<sup>5</sup> A não ser que o sujeito fosse um pronome indefinido como “alguém” ou “algo”. Nesse caso, a próclise era obrigatória.

<sup>6</sup> A figura 1 é tirada de Galves e Paixão de Sousa (2017).

<sup>7</sup> O ponto discrepante corresponde aos sermões do Padre Antonio Vieira. Para uma discussão dessa discrepância, veja-se Galves (2003).

<sup>8</sup> Não se trata aqui de regra imposta pela norma, mas de regra interiorizada pelos falantes no seu processo natural de aquisição.



**Figura 1:** A evolução da ênclise e da próclise na história do português europeu (1500-1850)

Há muitos outros casos de mudanças sintáticas na história do português (cf. Seção 4), bem como nas outras línguas. Contrariamente ao léxico que, apesar da criação de novas palavras e das mudanças fônicas, mantém um núcleo duro muito estável ao longo do tempo, as línguas passam na sintaxe por mudanças drásticas que fazem com que línguas da mesma família, ou seja, geneticamente muito próximas, possam exibir propriedades sintáticas bastante diferentes. As línguas românicas são assim sintaticamente muito diferentes do seu ancestral, o latim. Encontramos também esse fato na evolução do português. O caráter catastrófico e imprevisível das mudanças sintáticas explica que a reconstituição de fases antigas das línguas seja essencialmente baseada nas palavras, e não nas frases, uma vez que não se pode falar em leis de mudança sintática.

## 2. POR QUE AS LÍNGUAS MUDAM?

Para explicar a mudança linguística, duas ideias se opõem frequentemente. A primeira é que as línguas têm uma tendência natural à mudança. Essa ideia é expressa em termos de **deriva** (em inglês “drift”) pelo linguista norte-americano

Edward Sapir (1884-1939), que afirma: “A linguagem move-se pelo tempo em fora num curso que lhe é próprio. Tem uma deriva.”<sup>9</sup> Por exemplo, segundo Sapir, as línguas teriam uma tendência natural em perder morfologia de concordância ou de caso e também uma tendência natural na harmonização dos processos morfológicos, evitando irregularidades. A deriva é uma causa interna da mudança. A ideia oposta é que a mudança tem causas externas, de natureza sócio-histórico-cultural, como o contato entre línguas. A polarização entre esses dois princípios explicativos aparece claramente no trecho a seguir, a respeito da história do português brasileiro, onde os autores, Anthony Naro e Marta Scherre, opõem “herança românica e portuguesa” a “modificações advindas das línguas africanas ... ou das línguas dos povos ameríndios”.

O conteúdo deste livro tem uma linha mestra clara: apresentar evidências de que características morfossintáticas e fonológicas do português brasileiro, atualmente envoltas em estigma e preconceito social, são heranças românicas e portuguesas arcaicas e clássicas, e não modificações mais recentes advindas das línguas africanas, que vieram para o Brasil com seus povos escravizados e subjugados, ou das línguas dos povos ameríndios, que aqui já se encontravam quando vieram os colonizadores europeus. Tampouco são o resultado de processos de simplificação ou outras modificações espontâneas causadas pelo contato, durante o processo de transmissão não tradicional da língua.... queremos identificar as raízes lingüísticas românicas e lusitanas que insistem em permanecer em nossas bocas e em nossas falas e que, com mais intensidade, se revelam nas falas e nas bocas dos brasileiros que tiveram pouco acesso aos bancos escolares ou que habitam as áreas rurais e as periferias das grandes cidades. (Naro e Scherre, 2007: 17).

Note-se que a relevância do contato linguístico na história das línguas coloca uma questão interessante para as representações da genética das línguas em forma de árvore, onde cada língua tem um e um só ancestral imediato, excluindo qualquer outra ascendência. Desse ponto de vista, o papel do contato, se existir, está totalmente apagado. Nos estudos clássicos da história das línguas, o efeito do contato é expresso na noção de **substrato**. Diz-se por exemplo que a evolução da vogal posterior /u/ do latim para a vogal central /ü/ do francês se deve ao efeito de um substrato céltico, ou seja, à influência das línguas célticas, faladas pelos gauleses, nas regiões do império romano em que se desenvolveram os dialetos que passariam a constituir a língua francesa. Ao aprender o latim como segunda língua, os falantes de línguas célticas imprimiriam algumas características sonoras das suas línguas

---

<sup>9</sup> Sapir, 1971[1921]: 151, em tradução de Mattoso Câmara.



maternas na língua que passariam a adotar e transmitir aos seus descendentes. A perda do /l/ e do /n/ intervocálicos no português, mencionada na seção anterior, se deve possivelmente também a um substrato particular que diferencia o latim adquirido no noroeste da península ibérica pelas populações autóctones, dos outros substratos que levaram às outras línguas ibéricas onde tal perda não aconteceu, como o castelhano ou o catalão. Nos estudos clássicos da mudança, o efeito do substrato é geralmente localizado nas mudanças fônicas e lexicais, muito raramente nas mudanças sintáticas. Voltaremos a esse fato no que diz respeito ao português brasileiro na seção 4.

O contato está na origem também do fenômeno de **empréstimo** lexical, muito comum nas línguas. As “vozes novas” têm frequentemente a forma de uma palavra oriunda de outras línguas, emprestadas em razão de novas realidades geográficas, culturais ou tecnológicas. Pense-se na importância das palavras tupis, africanas, e – de importação mais recente – inglesas, no português brasileiro.

Será que “deriva” e “contato” devem ser tão drasticamente opostos na tarefa da explicação da mudança linguística? Serafim da Silva Neto (1977: 115) fala de deriva “precipitada” pelo contato:

Na constituição do português brasileiro há desde o século XVI duas derivas: a) uma deriva bastante conservadora, que se desenvolve portanto muito lentamente e b) **uma deriva a que condições sociais próprias imprimem uma velocidade inesperada.**

Naro e Scherre (2007: 47) também articulam os dois processos em algumas partes do seu livro, como no seguinte trecho:

- 1) A língua portuguesa falada em Portugal antes da colonização do Brasil já possuía uma deriva secular que a impulsionava ao longo de um vetor de desenvolvimento.
- 2) No Brasil, este vetor se encontrou com **outras forças que reforçavam e expandiam a direção original.**
- 3) No início uma dessas forças era a pidginização, que exercia uma influência sobre o português através da língua geral tupi e da “língua de preto” européia, revivificada no Brasil originalmente para uso com os ameríndios.
- 4) Ao longo de toda a história do Brasil, o processo de aprendizado do português como segunda língua teve seus efeitos documentados parcialmente.

Voltaremos a essa questão na seção 4 a respeito da história do português no Brasil.

O fato de parecer haver tendências universais de mudança – que caracterizariam também a deriva das línguas – pode ser devido a princípios universais de uso da linguagem. Um deles seria a **gramaticalização**, inicialmente proposta pelo linguista francês Antoine Meillet (1866-1936). A gramaticalização é um processo de mudança pelo qual se integram ao componente gramatical das línguas palavras ou expressões de uso muito frequente inicialmente não gramaticais: a expressão “em boa hora” se transforma na conjunção “embora”; o auxiliar latino “habere”, que marca iminência de um evento ou sua necessidade, se torna a desinência de futuro em muitas línguas românicas; o verbo “ir”, que expressa movimento, se transforma por sua vez num auxiliar expressando futuro; a expressão “a gente”, que significa inicialmente “as pessoas”, passa a ser usado no como pronome de primeira pessoa do plural, etc... Tal processo envolve perda de carga semântica e, na grande maioria dos casos, redução fonética. A esse respeito, observe-se o percurso que leva “Vossa Mercê”, forma de tratamento reservada ao rei, para “cê” e “ocê”, formas totalmente integradas ao paradigma pronominal do português brasileiro, como forma de 2ª pessoa substituindo “tu”.<sup>10</sup>

Enfim, outro motor interno, as mudanças se dão frequentemente em cadeia, ou **cascatas**. Na evolução do latim para as línguas românicas, a perda da distinção fonológica entre sílabas longas e sílabas breves afetou o sistema casual, baseado em parte em contrastes envolvendo duração vocálica. Os casos nominativo e ablativo na primeira declinação dos nomes (a classe de “rosa”) só se distinguiam por ser a vogal -a- do nominativo breve, e a vogal -a- do ablativo longa. O enfraquecimento do sistema de casos, por sua vez, torna a ordem dos termos da oração mais relevante para a interpretação das funções gramaticais, o que leva a uma sintaxe mais rígida. Temos assim uma cascata de mudanças internas à língua que vai da fonologia à morfologia, e da morfologia à sintaxe.

---

<sup>10</sup> Veja-se, entre outros, Vitral (1996).

### 3. COMO ESTUDAR A HISTÓRIA DAS LÍNGUAS (HOJE)

Os estudos históricos envolvem em grande parte estados de língua cujos falantes já morreram. O que nos sobra são textos escritos, cuja existência devemos muitas vezes ao acaso.<sup>11</sup> Não é, portanto, de estranhar que a linguística histórica tenha muita afinidade com a **filologia**, disciplina cujo objetivo é a edição dos textos, ou seja, o trabalho de estabelecimento dos textos na sua originalidade e na sua integridade. Hoje em dia, a filologia se torna digital e aproveita grandemente os avanços tecnológicos proporcionados pelos computadores. O editor eletrônico eDictor,<sup>12</sup> por exemplo, permite produzir diversas versões do mesmo texto, desde aquela mais próxima do original (também chamada de “semidiplomática”), até as mais modernizadas.<sup>13</sup>

Os computadores também permitem a elaboração de grandes **corpora** (plural do latim **corpus**), compilações de textos reunidos a partir de determinadas perguntas de pesquisa. Existem hoje no Brasil e em Portugal quatro corpora eletrônicos<sup>14</sup> que têm a particularidade de apresentarem uma anotação morfossintática unificada permitindo fazer buscas, ou seja, fazer perguntas aos textos, de maneira automática.<sup>15</sup> A cada palavra é atribuída uma etiqueta expressando sua categoria (Nome, Verbo, etc.), bem como aspectos da sua morfologia (gênero e número para os nomes e adjetivos, tempo e pessoa para os verbos, além de outras informações). Cada frase recebe uma anotação sintática. Esses corpora totalizam em

---

<sup>11</sup> Paixão de Sousa (2006:29) problematiza essa questão de maneira instigante: “O ponto principal que precisamos lembrar, portanto, é que trabalhamos com o que o tempo deixou, não com o que aconteceu;”

<sup>12</sup> <https://humanidadesdigitais.org/edictor/>

<sup>13</sup> Além do **Projeto Tycho Brahe**, no âmbito do qual e-Dictor foi idealizado e implementado, a ferramenta está sendo usada por vários grupos membros do **Projeto para a história do português brasileiro (PHPB)**, projeto nacional coordenado pelo Prof. Ataliba Castilho que visa estudar a história do português no Brasil em documentos não literários de diversas naturezas, cartas, documentos jurídicos, editoriais e anúncios de jornais, entre outros, produzidos em todas as regiões do Brasil.

<sup>14</sup> São eles:

- o Corpus Tycho Brahe <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus>

- o Corpus Wochwel <http://alfclul.clul.ul.pt/wochwel/>

- o Corpus Post Scriptorum: <http://ps.clul.ul.pt/pt/index.php?>

- O Corpus Cordial-Sin: <http://www.clul.ulisboa.pt/en/10-research/314-cordial-sin-corpus>

O manual de anotação sintática desses corpora se encontra no endereço: <https://sites.google.com/site/portuguesesyntacticannotation>

<sup>15</sup> Essa metodologia está sendo usada para diversas outras línguas, como o inglês, o francês e o islandês. A metodologia de anotação dos corpora mencionados na nota 12 segue a metodologia elaborada inicialmente para os corpora históricos do inglês, cf. <https://www.ling.upenn.edu/hist-corpora/>

torno de 3 milhões de palavras e abrangem a língua escrita entre o século 14 e o século 19, em Portugal e no Brasil, bem como transcrições de entrevistas realizadas nos anos 70 do século 20 para estudar os dialetos regionais portugueses. Fica assim possível investigar a história gramatical da língua portuguesa de maneira sistemática, dos seus primórdios até suas diversas vertentes contemporâneas, com base numa quantidade de dados inédita, impossível de compilar e explorar sem o recurso de ferramentas computacionais. As análises quantitativas baseadas nesses dados permitem descrever de maneira mais precisa e rigorosa as diversas dinâmicas de mudança que compõem os diversos caminhos da língua no tempo e no espaço.

Quanto à genética das línguas, apesar de menos dominante na área do que no século 19, ela também se beneficia do poder de cálculo dos computadores para estabelecer, com base em quantidades maiores de dados, e com algoritmos mais sofisticados, árvores genealógicas (também chamadas de **cladogramas**) mais precisas e confiáveis.

Note-se incidentalmente que estudar a história das línguas não exclui levar em consideração o presente. Corpora orais são, portanto, relevantes também para a pesquisa histórica e podem passar por um processo de anotação semelhante ao dos textos escritos, depois de transcritos.

Vale lembrar enfim que, uma vez levantados e quantificados os dados, as análises são efetuadas conforme os quadros teóricos escolhidos, não diferindo nisso dos trabalhos privilegiando a sincronia. As explicações dadas aos fenômenos são assim fortemente condicionadas pela concepção de língua que norteia as análises, como veremos a seguir.

#### **4. ESTUDO DE CASO: A HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA**

##### **4.1 A PERIODIZAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Uma das tarefas tradicionais dos estudos diacrônicos é o estabelecimento de uma “periodização” para as línguas, ou seja, a definição de uma sucessão de estados distintos, aos quais se dá uma denominação, e se atribui uma data de início e de fim. A Tabela 1 mostra várias propostas de periodização do português europeu.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> As cinco primeiras foram compiladas por Mattos e Silva (1994).

Época (datação dos textos)	Serafim da Silva Neto	Pilar Vasquez Cuesta	Lindley Cintra	Galves et al.revisado	Época (gerações)
Até 1385/ (1420)	Trovadoresco	Galego- português	Português antigo	Galego- português	Até c. 1350
Até 1536-1550	Português comum	Português pré- clássico	Português Médio	Português hispânico	1350/ 1700
Até XVIII	Português moderno	Português clássico	Português clássico		
XIX-XX		Português moderno	Português moderno	Português Europeu moderno	1700-

**Tabela 1:** A periodização do português europeu (Fonte: Galves, 2012)

A última coluna à direita, baseada em trabalho conjunto com Cristiane Namiuti e Maria Clara Paixão de Sousa (Galves et al. 2012) diverge das propostas mais antigas ao juntar o **português médio** de Lindley Cintra, também chamado de “pré-clássico” por Pilar Vasquez Cuesta e de “comum” por Serafim da Silva Neto, com o **português clássico** num grande período denominado **português hispânico** por ser o período em que o português e o castelhano têm o máximo de aproximação. A razão de considerar que se trata de um único período e não de dois como nas análises anteriores,<sup>17</sup> não é empírica, ou seja, baseada em fatos novos, mas interpretativa. Considera-se com efeito que o português médio representa, nos textos, uma fase de transição entre o português arcaico, ou galego-português, e o português clássico. E entende-se que essa fase de transição não é senão a expressão de uma **competição** entre uma língua, ou gramática, antiga, cujo prestígio vai diminuindo ao longo do tempo, e uma língua, ou gramática, nova, que se expressará com plenitude nos séculos 16 e 17. Juntar o português médio e o português clássico significa localizar duas grandes rupturas na história do português. Uma se dá por volta de 1350, e é o fim do galego-português, língua dos primeiros textos e da lírica trovadoresca. Outra se dá por volta de 1700, e é o início do português europeu

<sup>17</sup> Com a exceção de Serafim da Silva Neto que não postula o período correspondente ao português clássico e faz começar o português moderno já no séc. 16.

moderno, tal como o conhecemos hoje. Desse ponto de vista, o século 16 tem menos relevância do que as análises anteriores, sendo simplesmente o momento em que a língua que emerge em função do deslocamento do centro político e cultural para o sul de Portugal fica definitivamente despida dos seus arcaísmos. A segunda grande ruptura se dá no século 18, por razões que não foram completamente esclarecidas até hoje, possivelmente ligadas a seu afastamento dos modelos castelhanos. Os corpora mencionados na seção anterior têm contribuído fortemente para uma melhor compreensão da dinâmica dessa segunda grande mudança acontecida na língua portuguesa em Portugal.<sup>18</sup>

#### 4.2 O EFEITO DO CONTATO NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Na seção 2, vimos o antagonismo entre “deriva” e “contato” para explicar a mudança linguística. Na história do português brasileiro, tanto Silva Neto quanto Naro e Scherre argumentam que a força principal atuando sobre a língua no Brasil é sua “deriva” românica e lusitana, o contato sendo, no melhor dos casos, um elemento acelerador da deriva. Na contramão dessa análise, outros estudiosos enfatizaram a influência das línguas africanas sobre a emergência da vertente brasileira do português. É o caso, por exemplo, de Renato Mendonça, que publicou em 1935 um livro intitulado *A influência africana no português do Brasil*, reeditado recentemente. Na última década, novos trabalhos trouxeram evidências empíricas dessa influência, que não se limita ao empréstimo de palavras, mas se estende para a morfossintaxe.<sup>19</sup> Os argumentos são de várias naturezas. Por um lado, são comparativos. Um amplo trabalho de comparação vem sendo feito com o português na África, mostrando que os mesmos fenômenos que caracterizam o português brasileiro por oposição ao português europeu são também encontrados lá. O passo seguinte é comparar as inovações africanas e brasileiras com propriedades das línguas africanas com que o português entrou em contato, em particular as línguas da grande família Bantu, faladas em toda a África subsaariana, e muito presentes no Brasil colonial. Lembre-se a esse respeito que a primeira gramática da língua quimbundo, hoje uma das línguas oficiais de Angola, foi escrita na Bahia pelo jesuíta

---

<sup>18</sup> No que diz respeito ao português brasileiro, um texto recente de Dante Lucchesi (cf. Lucchesi 2017) problematiza a questão da periodização de um ponto de vista sociolinguístico, pondo a língua portuguesa em perspectiva dentro de um contexto multilíngue.

<sup>19</sup> Cf. Avelar e Galves (2014) e as referências aí citadas.

Pedro Dias no final do século 18.<sup>20</sup> Uma outra linha argumentativa é de natureza sócio-histórica: os milhões de africanos que foram trazidos ao Brasil pelo tráfico de escravos tiveram um papel de destaque na expansão do português no território brasileiro,<sup>21</sup> português que adquiriam como segunda língua, e transmitiam às gerações subsequentes como primeira língua. Entende-se então que várias línguas africanas tenham funcionado como substrato no processo de emergência do português no Brasil. É o efeito do que tem sido chamado por vários pesquisadores de “transmissão irregular”.<sup>22</sup> Tal “irregularidade” acontece quando uma língua não é só transmitida de geração em geração como língua materna, mas sofre a interferência de outras línguas, que são as línguas maternas daqueles que adquirem a língua em questão como segunda língua, e imprimem nela algumas das suas propriedades. Desse ponto de vista, a dinâmica do português no Brasil – e nos países africanos onde é língua nacional - tem semelhanças com a dinâmica do latim no império romano. As populações que o aprenderam como segunda língua lhe conferiram novas feições, tornando a língua muito diferente do que ela era antes do contato.

## 5. OBSERVAÇÕES FINAIS

Neste brevíssimo panorama da linguística histórica, espero ter aberto ao leitor uma porta para a variedade e a profundidade das questões relacionadas à mudança linguística. As novas tecnologias e o avanço das teorias linguísticas dos 20 últimos anos contribuíram certamente a fazer dessa disciplina uma das mais produtivas no âmbito da linguística moderna. Isso está se refletindo muito fortemente no Brasil onde os grandes projetos de descrição do português brasileiro, que integram competências filológicas, linguísticas e computacionais, o estudo integrado da história do português europeu e do português brasileiro, os estudos dos efeitos do contato envolvendo o português ‘afro-brasileiro’ e o português africano, o estudo contrastivo das línguas africanas e do português brasileiro, compõem um vasto conjunto de estudos empíricos e análises teóricas que fazem desse campo um dos domínios de ponta dos estudos linguísticos.

---

<sup>20</sup> Cf. Rosa (2013)

<sup>21</sup> Rosa Virgínia Mattos e Silva fala do “papel predominante da nossa população de origem africana como difusora do que veio a ser chamado de português popular brasileiro” (Mattos e Silva, 2004: 69)

<sup>22</sup> Cf. Lucchesi et al. (2009).

**REFERÊNCIAS**

- AVELAR, J.; GALVES, C. O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro. *Revista Linguística (Online)*, v. 30, 241-288, 2014.
- CASTRO, I. *História da língua portuguesa*. Lisboa, Colibri, 2006.
- EMILIANO, A. Sobre a questão d' "os mais antigos textos escritos em português". In: Castro, I.; Duarte, I. (eds.) *Razões e Emoção: Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, Vol. I, 2003, 261-78.
- DE OLIVEIRA, F. *Gramática da linguagem portuguesa (1536)*. Edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção. Vila Real, Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro, 2007.
- GALVES, C. Sintaxe e estilo: a colocação de clíticos nos Sermões do Padre Vieira. In: ALBANO, E.; ALCKMIM, T.; Hadler COUDRY, M. I.; POSSENTI, S. (orgs.). *Saudades da língua: a lingüística e os 25 anos do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp*. Campinas, Mercado de Letras, 2003.
- GALVES, C. Periodização e competição de gramáticas: o caso do português médio. In: LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; RIBEIRO, S.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A. (Orgs.). *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador, EDUFBA, 2012, 74-88.
- GALVES, C.; NAMIUTI, C.; PAIXÃO DE SOUSA, M.C. Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa. In: ENDRUSCHAT, A.; KEMMLER, R.; SCHAFFER-PRIEBT, B. (Org.). *Grammatische Strukturen des Europäischen Portugiesisch*. Tübingen: Calepinus Verlag, 2006, 45-75.
- GALVES, C.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. The change in the position of the verb in the history of Portuguese: Subject realization, clitic placement and prosody. *Language*, v. 93, 152-180, 2017.
- LUCCHESI, D. A periodização da história sociolinguística do Brasil. *DELTA*, 33.2, 2017.
- LUCCHESI, D.; RIBEIRO, I.; BAXTER, A. *O português afro-brasileiro*. Salvador, EDUFBA, 2009.
- MATTOS E SILVA, R.V. *Estruturas trecentistas*. Lisboa, INCM, 1989.
- MATTOS E SILVA, R.V. Para uma caracterização do período arcaico do português. *DELTA*, vol. 10. Número especial, 247-276, 1994.
- MATTOS E SILVA, R.V. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo, Parábola, 2004.
- MATTOS E SILVA, R.V. *O português arcaico. Fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo, Contexto, 2006.
- MENDONÇA, R. *A influência africana no português do Brasil*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.
- NARO, A.; SCHERRE, M. *As origens do português brasileiro*. São Paulo, Contexto, 2007.
- PAIXÃO DE SOUSA, M.C. *Linguística histórica. Linguagem história, e conhecimento. Linguística histórica – Sociolinguística – Aquisição da Linguagem- Linguagem e cognição – Conhecimento sobre a linguagem*. Campinas: Pontes, 2006.
- ROSA, M. C. *Uma língua africana no Brasil, colônia de Seiscentos: o quimbundo ou língua de Angola na Arte de Pedro Dias, S.J.* Rio de Janeiro, FAPERJ/Letras, 2013.



SAPIR, E. *A linguagem: Introdução ao estudo da fala*. Trad. Bras. de Mattoso Câmara Jr. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

SILVA NETO, S. *História do português brasileiro*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1977.

VITRAL, L. A forma CÊ e a noção de gramaticalização. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, 4.1, 115-124, 1996.